

Sobre Arte e Psicanálise

**Organizadores:
Tania Rivera e Vladimir Safatle**



© by Editora Escuta para a edição em língua portuguesa
1ª edição: abril de 2006

EDITORES
Manoel Tosta Berlinck
Maria Cristina Rios Magalhães

CAPA
Evandro Salles com escultura de Nelson Felix

PRODUÇÃO EDITORIAL
Araide Sanches

Sobre arte e psicanálise / orgs. Tania Rivera e
Vladimir Safatle. – São Paulo : Escuta, 2006.

224 p. ; 14x21 cm

ISBN 85-7137-249-7

1. Psicanálise e arte. I. Rivera, Tania. II. Safatle
Vladimir

CDD-701.15

Editora Escuta Ltda.
Rua Dr. Homem de Mello, 446
05007-001 São Paulo, SP
Telefax: (11) 3865-8950 • 3675-1190 • 3672-8345
e-mail: escuta@uol.com.br
www.editoraescuta.com.br

Apresentação

Tania Rivera
Vladimir Safatle

É indiscutível o importante papel exercido por obras de arte na criação da teoria psicanalítica. Freud realizou um estudo detalhado da escultura *Moisés*, de Michelangelo, escreveu um ensaio extenso sobre Leonardo da Vinci e permeou sua obra com análises de criações literárias. A partir dos anos dez, foi a vez dos artistas começarem a se interessar pela novidade representada pela psicanálise — notadamente graças aos surrealistas, que ajudaram a popularizar o pensamento de Freud na França. Ao longo do século XX, a psicanálise desenvolveu um diálogo permanente com a cultura e com a estética. Talvez o caso mais extremo neste sentido seja o de Jacques Lacan: um psicanalista que chegou a repensar os modos de subjetivação disponíveis na clínica a partir do recurso à reflexão estética sobre as artes.

Por sua vez, o uso da psicanálise no campo específico da crítica da arte, em geral como instrumento interpretativo, fez-se sentir desde que a teoria psicanalítica alcançou um amplo reconhecimento nos meios intelectuais. Nas últimas décadas, o diálogo entre esse campo e a psicanálise tomou novos rumos, encabeçado por críticos e teóricos como o francês Georges Didi-Huberman e os americanos Hal Foster e Rosalind Krauss. Tal aproximação é calcada principalmente na releitura de Freud proposta por Jacques Lacan,

e marcada por uma compreensão mais ampla da psicanálise como teoria do sujeito. Trata-se de recorrer à psicanálise a partir, sobretudo, do diagnóstico da impossibilidade de uma reflexão sobre as aspirações e expectativas da produção artística contemporânea que abra mão do apelo a uma teoria do sujeito e de seus modos de expressão.¹

Esse encontro renovado entre os dois campos, ultrapassando a abordagem interpretativa e centrada na psicologização de fenômenos estéticos, apresenta ressonâncias com a produção contemporânea em artes visuais. Vários são os textos deste livro que exploram esse interjogo, partindo seja da própria psicanálise, seja de questões de estética. De um ao outro campo, recoloca-se a questão central das relações entre palavra e imagem, incontornável para a psicanálise, assim como para a arte. Com palavras e imagens dos artistas Elida Tessler, Sergio Fingermann e Mira Schendel, Ana Vicentini de Azevedo tece uma rede que nos mostra a tensão e os limites entre os dois termos — e entre os dois campos em questão. Com Flávio de Carvalho em companhia de Dostoievski e Musil, Edson de Souza ataca o ponto fulcral sobre o qual parece incidir uma obra, oferecendo-nos uma libertação de identificações massificadas. O texto de Marília Panitz sobre obras de Gê Ortof, Andréa Campos de Sá e Walter Menon toma e explora a resistência ao olhar como característica fundamental da arte contemporânea.

A fantasia é um conceito fundamental do diálogo entre arte e psicanálise que aparece em diversos dos trabalhos aqui expostos, ganhando papel principal na pluma de Marco Antonio Coutinho Jorge. Miriam Chnaiderman, por sua vez, nos traz um testemunho de seus encontros com José Agrippino de Paula, mestre-guru do tropicalismo. Em uma espécie de *making off* de seu documentário sobre o

1. Cf. Foster, Hal. *The Return of the Real*. Cambridge: The MIT Press, 1996. p. 28.

escritor e cineasta, Miriam questiona ao mesmo tempo o lugar do artista, do louco e do psicanalista na cultura.

O momento atual de diálogo cruzado entre psicanálise e arte nos convida também a lançarmos nosso olhar, novamente, para as condições históricas e teóricas de sua origem. Ao longo de mais de um século, a teoria e a clínica psicanalíticas tratam e ajudam a disseminar uma configuração do sujeito que se acompanha de um questionamento a respeito da representação e do estatuto da imagem, posto em prática no campo das artes visuais. A arte moderna é contemporânea da invenção freudiana do inconsciente — na mesma época em que Cézanne questionava a posição do olho ordenador das leis da perspectiva e desestabilizava o espaço da obra de arte, Freud destituía o eu da posição de unidade sintética de percepções e representações.

Uma baliza segura da história dos encontros entre arte e psicanálise nos é dada pelo surrealismo, que tomou Freud, nas jocosas palavras deste, como uma espécie de “santo padroeiro”.² Os surrealistas, além e mais fundamentalmente do que eleger como temas privilegiados o sonho e a histeria, tomaram a formulação do inconsciente por Freud como princípio formal adotado na escrita automática, nos *cadavres exquis* e nas colagens. Estas últimas antecedem o surrealismo, no cubismo de Picasso e Braque e no anárquico campo das produções dadaístas. Sabemos que Max Ernst, por exemplo, leu Freud no início da década de 1910 — bem menos provável é a existência de qualquer influência direta da psicanálise sobre as reflexões que guiaram a pintura abstrata e o construtivismo, apesar de ambos empreenderem, com os termos “forma” e “espírito” para Kandinsky ou “sentimento

2. Para mais detalhes a respeito das relações com o surrealismo, ver Rivera, Tania. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (Passo-a-passo psicanálise).

não-objetivo” para Malevitch, uma revisão radical das relações entre sujeito e objeto que corre paralela àquela posta em marcha por Freud com a noção de desejo.

Mas para além destas incidências, devemos lembrar como, no momento em que o modernismo desenvolvia sua concepção de forma crítica como forma capaz de desvelar seu próprio processo de produção através da crítica da aparência estética, a psicanálise desenvolvia uma noção de interpretação como deslocamento em direção a uma “outra cena” na qual se revelaria os mecanismos de produção da representação. Ou seja, a aproximação entre psicanálise e modernismo não era apenas o resultado de uma abertura estética a conteúdos que aparentemente teria apenas relevância clínica, mas uma aproximação estratégica que girava em torno da própria noção de crítica como elemento orientador da racionalidade estética.

Hoje, podemos repensar as condições de diálogo e influências mútuas entre psicanálise e produção artística a partir das primeiras décadas do século XX, sob fundo de um contexto cultural mais amplo. Os desdobramentos da arte contemporânea, com suas novas questões e estratégias, coloca o recurso à psicanálise em um outro patamar. Esta é, sem dúvida, uma condição necessária para se empreender a busca por um verdadeiro diálogo entre a psicanálise e a produção estética na contemporaneidade. A importância da dimensão histórica é defendida por vários dos textos a seguir, e explorada de maneiras diversas por Christian Dunker, Stéphane Huchet e Tania Rivera. Os dois primeiros estabelecem uma espécie de diálogo sobre os riscos e as condições de base para aproximação entre os dois campos.

Por fim, saímos abruptamente do mundo da imagem para, com a música de John Cage no texto de Vladimir Safatle, terminar o livro. O confronto com a autonomia da forma musical nos leva ao limite máximo das possibilidades de diálogo da psicanálise com o campo da arte, ao interditar qualquer aproximação hermenêutica.

Assim, mais do que influências diretas, importa-nos delinear o terreno comum a essas criações culturais: a psicanálise e a arte. Mesmo no surrealismo a explícita referência à teoria freudiana mostrava-se complexa, realizando torções de um campo ao outro. Não é à toa que Freud não entende Breton e dele se despede — após sua expressa vinda a Viena para visitar o mestre, em 1921 — com a patética observação de que é bom poder contar com os jovens. A teoria freudiana não apregoa a existência de vasos comunicantes que permitiriam uma reconciliação entre o mundo do sonho e o da vigília em uma mágica surrealidade.

É certo, no entanto, que este desencontro explicita a linha de tensão que passou entre psicanálise e produção artística durante todo o século XX. Uma linha de tensão que sempre se faz presente quando duas práxis autônomas e com problemas próprios se encontram. Foi assim com a práxis artística e com a práxis política. Será assim com a arte e a práxis clínica. Neste sentido, pensar arte e psicanálise é pensar aquilo que um campo comum de reflexões sobre o sujeito, seus modos de subjetivação e seus dispositivos de construção de relação de objeto deve à confrontação com práticas artísticas e os conceitos por elas produzidos.